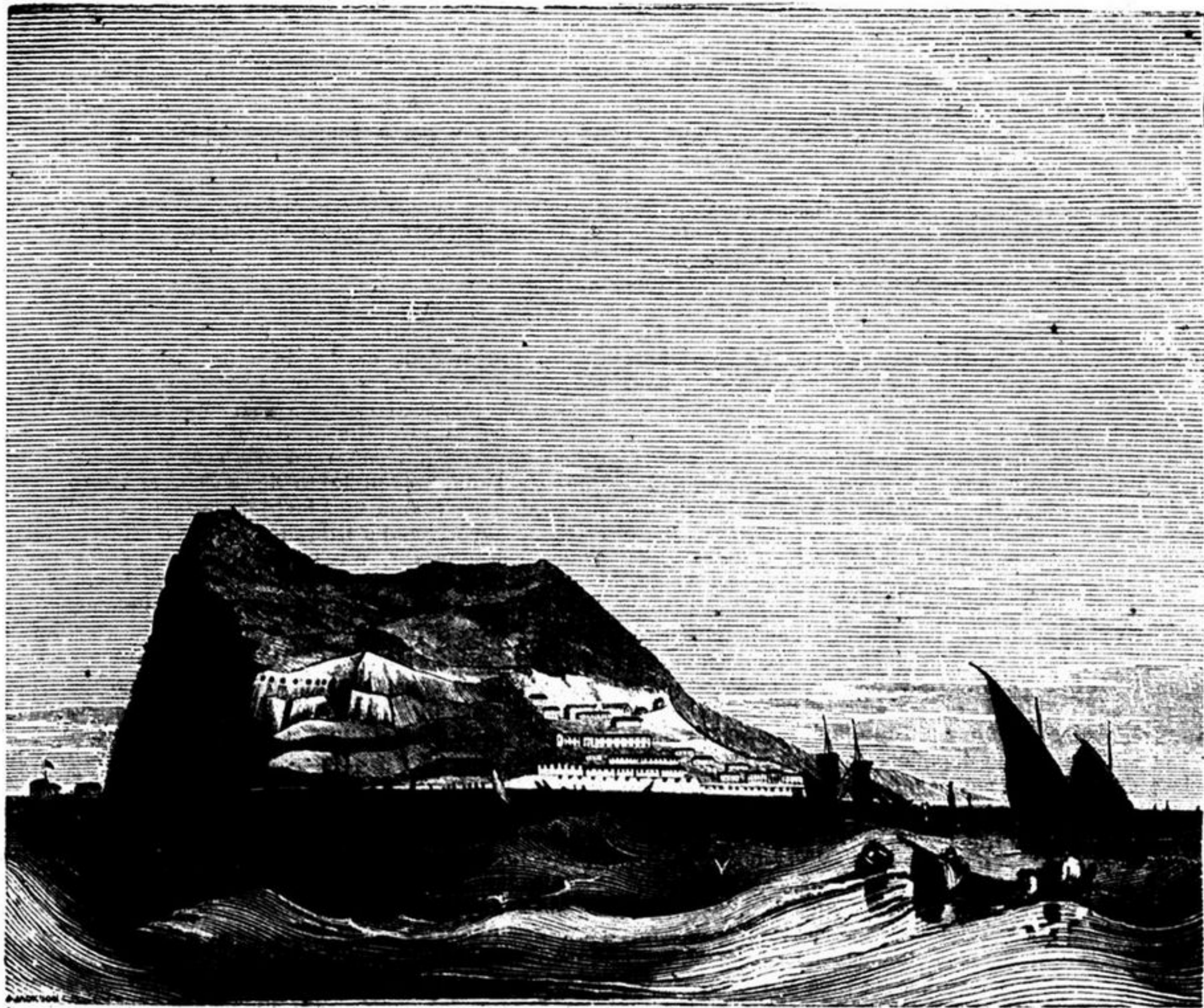


GIBRALTAR

Esta notavel cidade, a fortaleza mais temivel do globo, e uma das mais importantes possessões da Grã-Bretanha, está situada na extremidade meridional da Hespanha, a beira do estreito do mesmo nome que liga o Mediterraneo com o Oceano Atlantico. A natureza fizera o rochedo, em que a cidade está construida, de difficil accesso; a arte tornou-o inexpugnavel. É um promontorio que está ligado ao continente por uma estreitissima lingua de terra de perto de 900 metros de comprimento. A cidade conta 17000 habitantes. No tempo do ultimo cerco

foi completamente reduzida a cinzas, mas das cinzas renasceu mais pomposa, senão mais bella, porque se oppõe a isso a particularidade que vamos mencionar.

Todas as casas são pintadas de preto, em parte para que os olhos sintam menos a reverberação dos raios do sol, em parte para, em caso de ataque tornar mais difficil ao inimigo o vel-as distinctamente. Em Gibraltar reina o clima mais quente da Europa. Um calor africano, temperado pelos ventos refrigerantes do mar, consente que alli se cultivem todas as plantas meridionaes. Não é, como se poderia suppôr, um rochedo nú e esteril. Pelo contrario, nas suas anfractuosidades, as cabras e os car-



Gibraltar.

neiros acham alimento sempre verde, e não ha uma pollegada de terra que não esteja coberta de arvores de fructo de toda a especie, umas crescendo espontaneamente, outras pertencendo a especies aperfeçoadas pela cultura. Gibraltar é tambem o unico ponto do novo continente, em que se encontram macacos; e quer a tradição que para alli viessem pela Gruta de S. Miguel, profunda cavidade toda coberta de stalactites, situada ao pé do cumo do rochedo; de que se não encontrou o fundo, e que se julga que fórma uma via de communicação submarina com o continente africano.

Foi em Gibraltar que embarcaram os Vandalos para irem invadir a Africa, alli, em paga, desembarcaram os Arabes para virem invadir a Hespanha. Tarik fundou uma fortaleza, que teve o nome de *Geb-al-Tarik*, etymologia do nome actual. Em 1302 tomou-a aos Moiros Fernando II de Castella, retomaram-n'a elles em 1333; mas, durante o reinado de Henrique IV de Castella, tomou-lh'a definitivamente o duque de Medina Sidonia.

Carlos V foi o primeiro que percebeu a importancia d'esta praça, e que principiou a fortifical-a formidavelmente.

Corremos ligeiramente por estes primordios da historia de Gibraltar, porque queremos dar circumstanciada noticia aos nossos leitores dos cercos, que fizeram a sua reputação, e que são effectivamente das paginas mais interessantes da historia militar. Para isso traduzimos uma porção do artigo, que a este respeito escreveu o sr. A. Tardieu na *Encyclopedia moderna*.

«Não daremos, diz o distincto escriptor francez, um rol exacto das fortificações que, nos tempos modernos, se não tem deixado de accumular desde Carlos V em todo os pontos d'este rochedo, posição militar talvez unica no mundo. Mas, como nos falta o espaço, limitar-nos-hemos a fazer conhecer o estado em que os trabalhos successivos do illustre Daniel Specke, do principe d'Hesse, d'Hornec, e do coronel Montrésor pozeram o lado septemtrional, quer dizer a parte mais inacessivel; por ahí se poderá

avaliar a força do resto. Sem fallar em casamatas flanqueadas por canhões do mais grosso calibre e ligadas entre si por galerias cobertas, e uma linha dentada de baterias dispostas em escalão sobre diversas alturas, entre as formidáveis baterias *Willis*, e a do *Rock-Mortar*, com que se corôa o vertice da montanha, ahí vai em seguida a enumeração das obras, que dominam a comunicação unica aberta entre a cidade e o continente, calçada de seis para sete metros de largura, apertada entre o mar e essa lagôa ou inundação artificial de que o príncipe de Hesse teve a primeira idéa, e que foi acabada pelos seus successores. De frente esta calçada é defendida por uma cortina, chamada a *grande bateria*, e por dois baluartes, que se apoiam um no mar outro no escarpado do rochedo. Esta frente, que cobre a cidade pelo lado do norte, é precedida por um grande fosso sem agua, por um caminho coberto, por uma praça de armas, e por esplanadas minadas. A direita da calçada e por cima da inundação, o escarpado, dividido na sua altura em muitas partes, fórma outros tantos degraus ou terraços inacessíveis, que se chamam linhas do Rei, linhas da Rainha, e linhas do Príncipe. Por outro lado, á direita da grande cortina, as sete baterias do castello dispostas em escalão segundo o traçado das linhas dentadas, e as baterias de *Hanover*, e da rainha *Carlota* á esquerda do baluarte do norte, o cavalleiro da montanha, e a terrível bateria do Velho Molhe, que entra pelo mar, á flor d'agua, cruzam sobre o mesmo ponto fogos por tal fórma fulminantes, que no grande cerco de 1779, os hespanhoes deram a esta entrada da cidade o nome de *boca de fogo*.

«Todos sabem que foi em 1704, quando estava mais accessa a guerra da successão da Hespanha, que a cidadella de Gibraltar caio nas mãos dos inglezes, alliados do archiduque Carlos. Mas o facto foi contado de diferentes maneiras. Uns dizem que o almirante sir Jorge Rook, envergonhado de ainda nada ter feito com a bella esquadra que commandava, reunio proximo de Tetuão um conselho de guerra, no qual, tendo sido proposta uma nova tentativa sobre Cadiz, e regeitada como impraticavel, por falta de tropas de desembarque, se decidiu atacar-se Gibraltar que se sabia que tinha n'essa occasião uma guarnição insufficiente. Por conseguinte, no dia 21 de julho, apresentava-se diante de Gibraltar a esquadra combinada da Hollanda e da Inglaterra; o príncipe d'Hesse-Darmstadt desembarcava com mil e oitocentos homens no isthmo arenoso para cortar toda a comunicação entre a cidade e o continente, e intimava o marquez de Salinas governador para entregar a praça ao archiduque; recusando o marquez, o ataque, demorado dois dias por causa do vento contrario, principiava no dia 23; os capitães Hick, Jamper, e Whitaker apoderavam-se das fortificações do Novo Molhe, abandonadas pelos hespanhoes, e Salinas, vendo o inimigo senhor de uma parte dos fortes do sul, aceitava a capitulação offerecida. Mas, segundo outra versão muito mais espalhada, depois do bombardeamento, alguns marinheiros ebrios tinham ousado desembarcar, do lado da ponta da Europa, n'um sitio que se julgava inacessível, tinham conseguido escalar o rochedo e fazer prisioneiras todas as mulheres da cidade, que haviam saído para irem a uma pequena capella dedicada á Virgem da Europa; o que decidira Salinas a capitular. Louville, nas suas *Memorias*, accusa formalmente o governo hespanhol de não ter feito caso do aviso que o duque de Grammont, embaixador de França, lhê déra de uma proxima tentativa da Inglaterra sobre Gibraltar.

«Fosse como fosse, depois de tomada a cidade, devemos prestar justiça aos hespanhoes dizendo que fizeram todos os seus esforços para a retomarem. Logo, no dia 11 de outubro de 1704, o marquez de Villadarias abria a trincheira diante de Gibraltar, á testa de forças francezas e hespanholas, mas sem ter podido impedir que a praça fosse abastecida por sir John Leake. Foi n'este primeiro assedio, no dia 31 de outubro, que uns voluntarios, debaixo das ordens do coronel Figuerra, e guiados por um cabreiro do sitio, chamado Simão Lusarte, passando pela *Quebradura*, proximo da *Cave-Guard*, conseguiram alojar-se, sem terem sido vistos, na espaçosa caverna de S. Miguel, d'onde tornando a sair quando foi noite fecha-

da, escalaram a muralha de Carlos V e mataram a guarda de *Middle-hill* desde o primeiro até ao ultimo soldado; se são sustentados conseguiam infallivelmente tomar a praça; mas espalhou-se o alarma na cidadella, e os assaltantes foram repellidos com perda de cento e sessenta homens.

«N'uma segunda tentativa, no dia 12 de janeiro de 1705, quinhentos a seiscentos granadeiros francezes e walões, sustentados por mil hespanhoes, ás ordens do tenente general Tuy, tomaram d'assalto duas brechas, uma chamada da *Torre Redonda*, na extremidade das linhas de El-Rei, a outra mesmo no entrincheiramento da montanha, que Villadaria sabia que estava quasi abandonado a certa hora do dia. Ia ser tomada a cidade quando uma carga desesperada d'uns quatrocentos ou quinhentos homens, commandados pelo tenente coronel Moncal, repellio os inimigos para fóra das fortificações. Depois d'este segundo assalto Villadarias foi substituido pelo marechal de Tesse, que, apesar do poderoso concurso de Pontis, encarregado de bloquear o porto com a sua esquadra, nada pôde emprender por causa do máo tempo, e teve até, depois de sir John Leake abastecer pela segunda vez a praça, de retirar as suas tropas para fóra das linhas, e de se reduzir, mesmo por terra a um simples bloqueio. Assim terminou o primeiro cerco, que custou aos alliados mais de dez mil homens.

«Depois interveio o tratado d'Utrecht, cujo artigo 10.º cedia á Grã-Bretanha, sem a minima reserva, a plena e inteira propriedade da cidade e do castello de Gibraltar conjunctamente com o porto, e com as defezas e fortificações que lhe pertencessem. Mas, como é natural, esta cessão custara muito á Hespanha; e em 1720, certo de que o seu governo lhe não recusaria o apoio moral, o marquez de Leda, sob pretexto de socorrer Ceuta, cercada pelos Moiros, reunia uma força importante, na intenção secreta de surprehender Gibraltar. Ainda d'esta vez foi esse projecto descoberto, e a praça abastecida e soccorrida a tempo pelo coronel Kane, governador de Minorca.

«Por essa mesma occasião esteve a diplomacia quasi para restituir á Hespanha o que a força e a astucia não tinham podido entregar-lhe. Disse-se, e parece certo, que Philippe V só consentio em entrar na Quadrupla Alliança depois do regente de França lhe ter assegurado que Gibraltar lhe seria restituída proximamente; até existe, nos *Archivos da Corôa* em Madrid, uma carta d'el-rei Jorge I de Inglaterra, em que essa restituição é formalmente promettida. A authenticidade d'essa carta, bem que seja atacada na Inglaterra, é hoje reconhecida geralmente, e, se no duplo tratado de 13 e 14 de Junho de 1727 se não faz allusão alguma a essa promessa real, sabe-se, por o ter dito o proprio lord Stanhope embaixador em Madrid, que fora recommendado o silencio a esse respeito ao gabinete hespanhol, para seu proprio interesse, afim de não sobresaltar a nação ingleza. Philippe V reclamou; mas não se fez caso d'essa reclamação; e até em 1728, depois de um inquerito solemne do parlamento de Inglaterra, as duas camaras unanimemente intimaram el-rei Jorge, para nunca, nos seus tratados ulteriores, abandonar os direitos incontestaveis da nação ingleza sobre esta preciosa conquista. Não tinham os hespanhoes pois outra esperanza que não residisse na força das armas. Em 1730, sendo governador de Gibraltar o general Sabine, principiaram os hespanhoes a construir os fortes de S. Philippe do lado da bahia, e o de Santa Barbara do lado do mar, ligados entre si por essas formidáveis linhas que apenas ficam a uma milha de distancia do rochedo; por occasião do grande cerco e do bombardeamento da cidade (1781) sentiram os inglezes o erro que haviam commettido em não inquietar e impedir a construcção d'estas linhas.

«Temos pressa de chegar ao assedio memoravel que fez a reputação militar de Gibraltar; por isso não insistimos na conspiração de Reed, soldado do 73 de linha, que, movido por um descontentamento qualquer, tentou entregar a praça aos hespanhoes, e quasi que o conseguiu (1760). Emquanto á guerra de 1762, rebentou e acabou tão de repente, que nem os hespanhoes tiveram tempo de preparar uma expedição séria contra Gibraltar; mas a guerra da independencia da America ingleza, em que o gabinete hespanhol podia contar com uma diversão poderosa e com

o activo concurso da França e da Hollanda, pareceu com razão uma occasião unica de tentar um supremo esforço do lado do rochedo inexpugnavel. Tendo o Marquez de Almodoval, no dia 16 de junho de 1779, apresentado á corte de Londres a declaração da guerra, cessou, no dia 21 do mesmo mez, toda a communicacão entre Gibraltar e a Hespanha, e no dia 5 de julho principiam as hostilidades.

«Constava então a guarnição de seis mil trezentos e oitenta e dois homens, entrando officiaes; mas o governador Jorge Augusto Elliott, que tinha sido nomeado para esse posto importante por causa de uma ferida recebida na batalha de Dettingen, e por serviços eminentes, que prestára como engenheiro em 1777 no cerco de Havana, era um prodigio de bravura, de sangue frio, e de abnegação. No dia 16 de julho bloqueiam os hespanhoes o porto; no dia 26 estabelecem os seus arraiaes na planicie de S. Roque. No principio de outubro o corpo dos cercadores consistia em quatorze mil homens, commandados pelo tenente general D. Martin Alvarez de Soto Mayor, os quaes tinham já soffrido muito com uma invenção nova do capitão inglez Mercier, que vinha a ser umas granadas e uns balazios ôcos de cinco pollegadas e meia munidos de um foguete, bellico artificio que durante o cerco todo os assaltantes procuraram imitar, sem nunca o conseguirem. Os trabalhos dos hespanhoes avançavam vagarosamente, tanto mais quanto os inglezes, do cimo de uma plataforma acabada havia pouco e chamada *Rock Mortar*, descobriam os seus mais leves movimentos tanto nas linhas como nos arraiaes. Com o anno de 1780 a fome, em consequencia do rigor do bloqueio, declarou-se na cidade; mas no dia 18 de janeiro, o almirante sir Jorge Rodney, depois de ter batido a esquadra hespanhola e de ter feito prisioneiro o almirante D. Juan de Langara y Huarte, que a commandava, conseguiu abastecer a praça. Parte, e logo no dia 27 o almirante hespanhol Barcelo reformava o bloqueio. Todavia não se limitava a isso a actividade dos marinheiros hespanhoes, e o diario do cerco falla de frequentes tentativas nocturnas, que, mais do que tudo, fatigaram a guarnição. A primeira, na noite de 6 para 7 de junho, compunha-se de nove brulotes dirigidos, seis em forma de crescente contra os navios fundeados no Molhe Novo, e tres contra a não *Panthera*, que se achava fundeada na Buenavista. Na data do 1.º de outubro de 1780, a guarnição achava-se n'uma situação deploravel; atacada pelo escorbuto, falta de viveres, e dizimada todos os dias pelas canhoneiras e bombardas, teria talvez succumbido se então se tivesse tentado um vigoroso ataque; mas em vez de atacarem, entretinham-se os hespanhoes a fabricar obras d'assedio e a continuar um bloqueio inutil. No dia 12 de abril, estava a praça de novo abastecida, e a occasião perdida de vencer os sitiados pela fome não se tornava a encontrar. De puro despeito, os hespanhoes bombardearam a cidade, que logo foi convertida n'um montão de cinzas, sem que uma só casa ficasse de pé. Ao mesmo tempo as tentativas nocturnas das canhoneiras e bombardas tornavam-se mais frequentes e ameaçadoras, até porque o general Elliott, para poupar as suas munições de guerra, prohibira que fizessem fogo sobre ellas; mas, como avançavam cada vez mais, lembrou-se de mandar fundear a meio tiro d'espingarda da frente do Novo Molhe um brigue raso, depois de collocar em frente do Molhe Velho um morteiro de treze pollegadas, atraz seis canhões a 42.º de elevação. Ora no dia 28 de junho, quando pela primeira vez se ensaiou este novo meio de defeza, houve susto geral no acampamento dos hespanhoes; e um batalhão, que se achava em armas, foi dispersado tres vezes.

«Desde esse dia todas as vezes que as embarcações faziam fogo para a cidade o Molhe Velho respondia para o acampamento, hespanhol; mas se o bombardeamento, no dia 1 de julho, tinha quasi completamente cessado em compensação estreitava-se sempre o bloqueio; por isso os sitiados recorriam mais vezes ás sortidas. No dia 27 de novembro principalmente, ás tres horas menos um quarto da manhã, houve uma muito felizmente dirigida pelo brigadeiro Ross, a quem Elliott se juntára como simples voluntario, e que assombrou os hespanhoes; as obras avançadas foram completamente destruidas pelo fogo, encravados dez morteiros de dezoito pollegadas e dezoito canhões de calibre vinte e seis.

«Emquanto os sitiadores trabalhavam em reparar o estrago o mais depressa possivel, Elliott multiplicava-se, preparava melhores abrigos aos artilheiros, mandava ensaiar um novo reparo inventado pelo tenente de artilheria Kohler, com cujo auxilio se podia apontar em todos os angulos, entre 20.º acima e 70.º abaixo do horisonte, o que permittio varejar com favoravel successo as obras avançadas do inimigo, sobretudo a bateria de S. Carlos. No principio de abril de 1782, correndo a noticia que se approximava o momento critico e que se faziam enormes preparativos em Cadiz e nos portos do Mediterraneo, que ia chegar o duque de Crillon com o conde de Artois e o duque de Bourbon, e um celebre engenheiro de Arçon de quem se esperavam maravilhas, Elliott mandou distribuir pelas baterias da praça fornalhas para pôr em brasa as balas, e no dia 6 de setembro um fogo de balas rubras, bem dirigido pelo general Boyd, segundo commandante da praça, reduzia a cinzas a bateria Mahon, a do flanco, e a parallela adjacente, e arruinava gravemente as baterias de S. Carlos e de S. Martinho. Ora attribuiu-se a este desastre inesperado a precipitação com que foi ordenado e distribuido o ataque geral, e que deitou a perder sem recurso algum todo o successo do cerco. Consta com effeito que, no dia 9 de setembro, quando o duque de Crillon mandou abrir o fogo, muitas das suas baterias estavam longe de estar acabadas. Seja como fôr, o apparatus bellico desenvolvido pelos assaltantes ainda era formidavel; do lado da terra, obras admiravelmente executadas, armadas com duzentas e cincoenta bocas de fogo, e defendidas por quarenta mil homens, commandados por um general, até então habituado a vencer, e animado pela presença de dois principes da familia real de França; do lado do mar quarenta e sete naos de linha e uma quantidade innumeravel de fragatas, brigues, canhoneiras, bombardas, e chalupas fluctuantes, e coroando isto as dez baterias fluctuantes de Arçon, insubmergíveis e incombustíveis, taes eram os poderosos meios de destruição que iam ser empregados para subjugar uma guarnição de seis mil homens, prostrados pela fome e pelo cansasso.

«As côrtes de Hespanha e de França, cansadas de verem prolongar-se indefinidamente o inutil bloqueio de Gibraltar, com que se divertiam a Europa e os proprios sitiados, tinham, havia muito tempo, pensado seriamente em tomar esta fortaleza por algum meio extraordinario, contra o qual a sua posição inacessivel, a sua formidavel artilheria, e a habilidade do general Elliott fossem insufficientes. Houve então uma como que aposta entre os engenheiros a ver qual inventava planos mais audaciosos e extravagantes. Propunha-se formalmente construir na frente das linhas de S. Roque um enorme cavalleiro, que, levantando-se ainda mais alto do que Gibraltar, lhe tirasse o seu principal meio de defeza. O author calculára a quantidade de toezas cubicas de terra que ahi se deveriam amontoar, o numero de braços que eram precisos, os dias que se deviam gastar, e provava que esse prodigioso trabalho seria menos dispendioso e menos mortifero do que a continuacão do cerco do modo como fôra principiado. Outro imaginára as bombas asphyxiantes. O projecto de Arçon, engenheiro natural do Franco-Condado, fixou mais seriamente a attenção do governo hespanhol; mas esse projecto, tão bem concebido, foi mal executado, e gorou por um concurso de circumstancias que o genio de Arçon não podera prever.

«Dez galeras tinham sido construidas de modo que apresentassem aos fogos da praça um costado coberto de uma blindagem de tres pés de espessura e conservado n'um estado continuo de humidade por um mecanismo muito engenhoso para que as balas rubras se apagassem no mesmo sitio em que penetrassem. Primeira medida que só foi executada imperfeitamente; a falta de geito dos calafates impedio o jogo das bombas que deviam alimtar essa humidade. Só a bordo de uma d'ellas, a *Talla piedra*, é que isso se realisou. Em segundo logar as posições, designadas a cada uma das galeras depois de se ter sondado escrupulosamente, não foram observadas; e D. Ventura Moreno, marinheiro valente, mas incapaz de combinar e de executar um plano, mettido em brios por uma carta em que o general francez Crillon lhe mandava dizer no dia 12 de setembro á noite: «Tel-o-hei por covarde se não dêr

começo ao ataque» não tomou tempo de concertar bem as suas medidas, nem sobretudo de bem calcular as distancias. O que resultou d'esta precipitação? Só duas galeras puderam collocar-se na distancia convencionada, a duzentas toezas da frente da praça, a *Pastora*, commandada pelo proprio Moreno, e a *Talla-Piedra*, dirigida pelo principe de Nassau, e onde estava Arçon; e de mais a mais ficaram expostas à bateria mais temivel, a do baluarte real, enquanto no projecto de Arçon deviam estar todas agrupadas defronte do Velho Molhe e receber só de lado os fogos d'esta bateria. D'este modo essas duas galeras soffreram mais do que offenderam. A *Talla-Piedra*, sobretudo recebeu um golpe mortal. A despeito da blindagem uma bala rubra penetrou na parte secca do navio. O seu effeito foi vagarosissimo. A galera rompera o fogo pelas dez horas da manhã; a bala cravou-se-lhe no costado das tres para as cinco, e o incendio só rebentou de um modo irremediavel à meia noite. Ao lado a *San Juan* teve a mesma sorte. Parece averiguado que as outras oito ficaram intactas. Para cumulo de desventuras faltaram a um tempo todos os recursos; ancoras de socorro, chalupas para receberem os feridos, etc. O ataque devia ser apoiado por dez navios de guerra, e por mais de sessenta chalupas, canhoneiras e bombardas; nem canhoneiras, nem chalupas, nem vasos de guerra appareceram. Emfim Arçon contára, para reduzir a silencio a artilheria da praça com uma superioridade de mais de duzentas peças. No momento do ataque, os assaltantes não tiveram senão sessenta para setenta peças a oppôr às duzentas e oitenta dos sitiados. Além d'isso a esquadra combinada conservou-se espectadora immovel do combate. Guiche, commandante da esquadra franceza, mandar propor a Moreno sustentalo; este recusou.

«Voltemos à scena de desordem e de horror, que se seguiu ao incendio da *Talla Piedra*. No dia 14 de setembro, à uma hora da manhã, estava essa galera devorada pelas chammãs; e o fogo como dissemos, pegara-se à bateria proxima, a *San Juan*; às quatro horas oito fluctuantes estavam a arder. O capitão inglez Curtis partio então com as suas embarcações para ver se salvava uma porção das tripulações; mas a explosão de duas das fluctuantes, que até fez sossobrar um dos seus barcos, interrompeu-o n'essa missão de humanidade, e só pôde levar para terra nove officiaes, dois capellães e trezentos e trinta e quatro soldados e marinheiros. Às onze horas mais tres baterias vão pelos ares, e outras ardem à flor d'agua. Ainda restam duas fluctuantes, pega-se o fogo a uma, e os Inglezes, não podendo capturar a outra, incendeiam-na. Na tarde do segundo dia já nada existia d'essas terriveis machinas de destruição. A perda dos alliados, n'este funesto dia 13 de setembro passou de dois mil homens, enquanto que os inglezes contaram apenas ao todo um official e quinze soldados mortos e sessenta e oito feridos. Houve por occasião d'este desastre um jogo de amarissimas recriminações entre as quaes será custoso reconhecer a verdade. O duque de Crillon, nas suas memorias, procurou justificar-se, e attribuir ao conde de Florida-Blanca a responsabilidade de uma precipitação, que não permittira travar o combate como elle merecia travar-se. Arçon, pela sua parte, publicou, além das *Memorias para servir à historia do cerco de Gibraltar* uma justificação em regra do seu projecto e do seu procedimento, debaixo do titulo de *Conselho de guerra privado sobre os acontecimentos de Gibraltar em 1782*; mas o que os justifica melhor a um e outro é essa nova actividade que elles desenvolveram para continuarem o cerco de Gibraltar segundo um novo plano que a imaginação viva e fecunda de Arçon de novo concebera. Conseguiu elle abrir uma entrada no proprio rochedo do lado do Mediterraneo, fazendo ir pelos ares as baterias baixas da fortaleza, depois fizera uma segunda abertura na entrada da vereda que se estreita entre o sopé da montanha e o Mediterraneo, e que vai ter à ponta da Europa; mas não lhes foi dado ver o effeito d'estes novos trabalhos, que fizeram, segundo se diz, estremecer Elliott quando, depois de levantado o cerco, os vio pela primeira vez, porque no dia 3 de fevereiro de 1783 o duque de Crillon informava Elliot que estavam assignados os preliminares da paz geral, e, tres dias depois, que estava levantado o bloqueio maritimo.

Em fim no dia 10 de março trazia a fragata *Thetis* a noticia official da paz; e no dia 13 Crillon e Elliott tinham uma entrevista a meio caminho dos entrincheiramentos hespanhoes e da base da penedia.

«Assim terminou, depois de tres annos sete mezes e doze dias de duração, um dos cercos mais memoraveis dos tempos modernos, e que assegurava para todo o sempre a Inglaterra a posse d'esta chave do Mediterraneo.

KARL CHRISTIAN RAFN

Celebre antiquario e philologo dinamarquez. Nasceu no dia 16 de janeiro de 1793 em Braborg na ilha de Funen; morreu em 20 de outubro de 1864 em Copenhague. O trabalho ao qual Rafn deve, principalmente, a sua notoriedade europea, foi a grande obra d'elle ácerca das antigas navegações dinamarquezas e noroeguezas na Groenlandia e nas plagas N. E. do continente americano, obra que foi publicada, em Copenhague em 1837, em um grosso volume em 4.º com o titulo de *Antiquitates Americanae, seu Scriptorum septentrionalium rerum antecolumbianarum in America*. Além d'este importantissimo estudo, muitos outros trabalhos, todos relativos às antiguidades historicas e geographicas das altas regiões do norte, occuparam a longa carreira d'este laborioso sabio. Trabalhos d'aquella natureza haviam-se tornado para elle um verdadeiro culto; foi, pois, para lhes imprimir mais unidade e actividade que em 1825 promoveu e organisou a fundação da celeberrima *Sociedade dos Antiquarios do Norte* de que foi secretario perpetuo e alma d'ella até ao fim da sua vida.

Ha poucas sociedades na Europa, que hajam assignalado a sua existencia por trabalhos tão numerosos como a *Sociedade dos Antiquarios do Norte*. Além de uma serie já consideravel e sobejamente importante de volumes de memorias, deve-se-lhe uma collecção em 3 volumes das «Historias heroicas do Norte ou dos Sagas mythicos ou de imaginação»; uma «Collecção dos Sagas historicos do Norte» egualmente em 3 volumes; o Livro das tradições de Færoe (*Færeyinga Saga*) com commentarios criticos; os «Monumentos historicos da Groenlandia,» em 3 volumes; as «Antiguidades russas;» em dois volumes; etc. etc. Todas estas obras, texto ou traducções são em dinamarquez; algumas, porém, são acompanhadas de traducções latinas, ou tem sido vertidas para allemão.

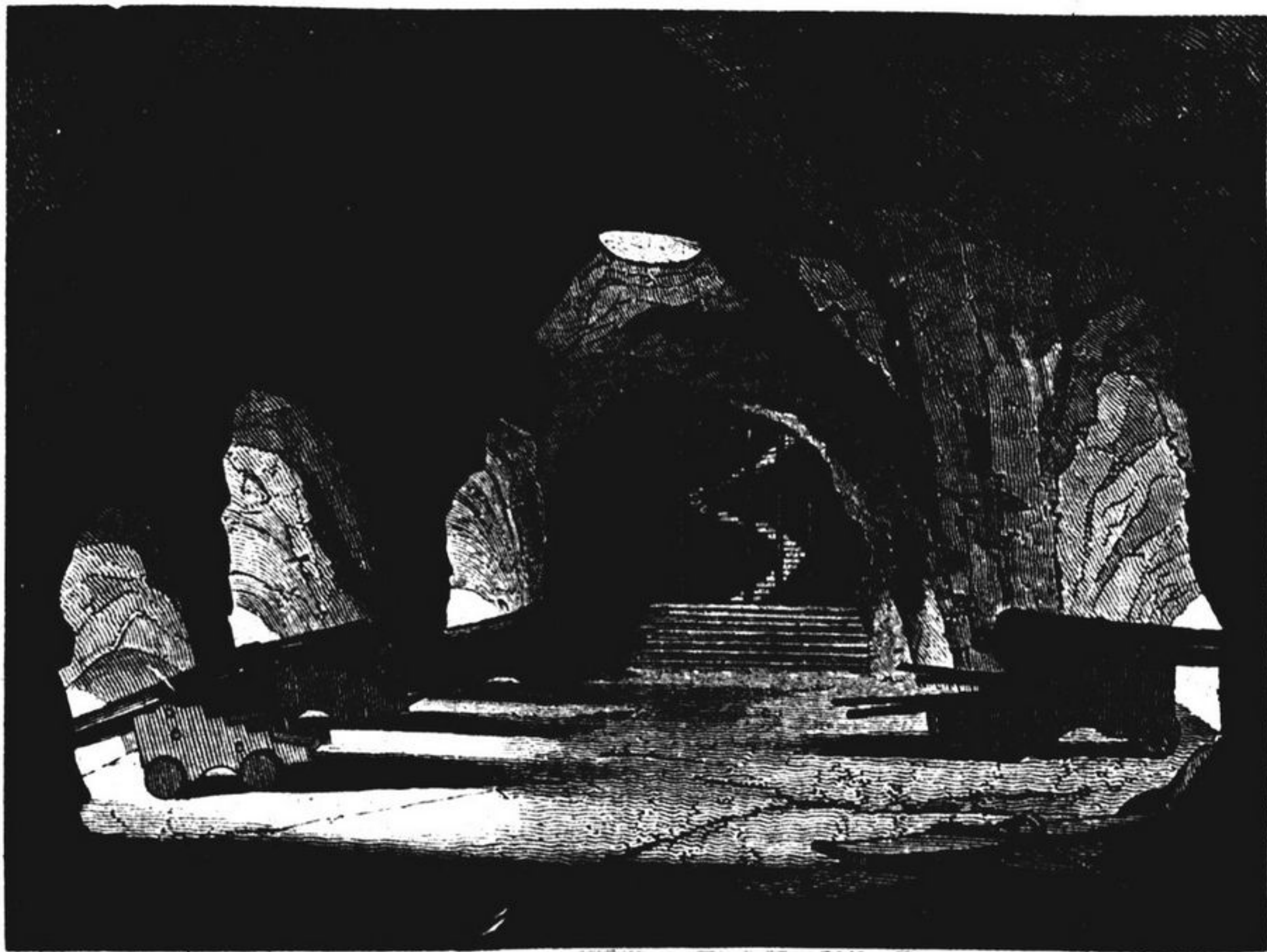
Aquella lista é muito incompleta e Rafn collaborou prodigiosamente na maior parte de todas essas publicações.

ALFREDO MAY

.....Que esta qualidade tem a virtude, todos os trabalhos estimar pouco e os vicios muito menos.
FRANCISCO DE MORAES.

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só coisa á natureza deixam
Os habitos ruins que não pervertam;
Do coração é o primeiro impulso.

GARRETT



Gibraltar (fortaleza)

A BOCCA DO INFERNO

IV

D. Thereza deixou Cascaes, passou o inverno e verão em Lisboa, e no outono voltou a tomar banhos. Luiz de Mello, que durante todo este tempo continuára as suas apaixonadas relações com Christina, vinha vel-a a Cascaes muitas vezes. A sr.^a morgada é que não podia conformar-se com a lembrança de sua filha se apaixonar por um homem que, sobre não ter capitaes, andava habitualmente mar em fóra, e devia por tanto ser um pessimo marido; ella, que se não cançava de contar os seus amores com o morgado, que vivêra sempre junto della, sem embargo, accrescentarei eu, de lhe fazer por fóra suas infidelidades, segundo era voz publica.

Era uma santa creatura D. Thereza de Brito! Revia-se nos filhos, porque ambos, dizia ella, lhe recordavam o defunto marido. Tinha um os olhos do morgado, outro a bocca, e ambos a alma! Como ella fazia esta ingenua partilha da alma do morgado, que talvez estava então dando contas a Deus!

No seu amor de mãe sonhára um dia com o filho embaixador e a filha viscondessa. D. Thereza achava immensamente eufonica a palavra viscondessa, titulo que lhe parecia facil de adquirir, tendo Christina, além dos alimentos que lhe pertenciam, um bom dote em bens livres, que o de-

tunto morgado adquirira e não quizera encorporar no vinculo para deixar a filha em melhor situação.

Ora ver D. Thereza que Christina desprezára optimos casamentos para agora se apaixonar por Luiz de Mello, causava-lhe grande desgosto.

Por algum tempo a sr.^a morgada contentou-se em dirigir a sua filha mil exclamações de espanto. Depois passou a um monologo quotidiano de exprobações. Finalmente, como visse que nem conselhos, nem boas razões afastavam de mau trilho o coração da donzella, procurou obstar por todos os modos á continuação das suas relações com Luiz de Mello.

Christina, firme no meio d'esta luta, sujeitou-se ás deliberações de sua mãe, offerecendo a melhor de todas as resistencias, a resistencia passiva.

Amando Luiz como ella o amava, podiam atacar-lhe paixões ruins de ambição e soberba, que todo o empenho seria baldado. Esta é, se não a maior, uma das grandes virtudes do amor, n'este seculo em que tudo se sacrifica ao interesse e ao egoismo.

Mais do que as considerações de D. Thereza valia o amor de Christina, que se alimentava de esperanças, como todos os amores, esperanças muitas vezes irrealisaveis, mas que teem o dom precioso de enganar. É o mel com que Deus adoça as bordas do calix de absyntho que o pobre amante chega aos labios, e no qual, como disse o Tasso no

primeiro canto do seu poema, vae enganado bebendo a vida:

*Suchi amari ingannato in tanto ei beve,
E dall'inganno suo vita riceve!*

No entanto, estas contrariedades constantemente levantadas por D. Thereza faziam soffrer muito Christina, e arrancavam-lhe lagrimas, que em vez de destruir o sentimento parece que mais vigor lhe dão.

Digam embora os felizes, os que do amor só provaram o mel, que são tolos os que lhe haurem o absyntho, e consentem que o coração se lhes esmigalhe debaixo do pezo dos soffrimentos. Quanto não valem mais; que mystico encanto não tem mais as lagrimas do amor verdadeiro e santo, que os risos e as alegrias buliçosas do amor fragil e vulgar!

Os que só tem sentido o coração pelas affeições ardentes e desinteressadas, os que no regaço da mulher adorada teem chorado com ella as perseguições do mundo, esses comprehenderão o amor de Luiz e Christina, grandioso como todos os sentimentos sanctificados com o baptismo das lagrimas.

Oh, amor! amor! mysto da alma e dos sentidos, como te chamou Chateaubriand, de que a amizade é a parte moral, como ainda hoje fluctuas grande, virginal, á superficie d'este oceano de paixões sordidas em que se precipita a humanidade, impellido talvez pelo destino da sua condemnação! Só tu, amor, no cataclysmo que arrasta para o abysmo tudo quanto é nobre e bom, e vae produzindo uma subversão monstruosa na alma humana, só tu não foste ainda envolvido! Surges, como o genio da poesia e da saudade no meio das solidões, como o anjo que aponta para o futuro sobre as ruinas de um mundo que desaba, bello, grandioso, imponente de magestade!

Digam embora os que hoje sacrificam só ao bezerro de ouro, sem receio de que sobre elles caia a colera de um novo Moysés—que o amor foi vencido pelo calculo, que a criança debil e meiga ficou para ahi moribunda n'alguma encruzilhada. É falso. O dinheiro, estendendo por toda a parte as suas garras de abutre, procurando empolgar tudo, até a consciencia, ainda não chegou ao coração. Está ahi a scintilla divina, que Satanaz não pôde apagar.

Digam embora que o amor passou com o mundo antigo. Não. Quando aos pés da cruz victoriosa expiravam as saturnaes da impudica Venus, o amor acompanhou o mundo moderno convertido em culto do coração, em aspiração de uma alma para outra. Foi um raio da luz sublime que illuminava a frente do Christo que converteu na alma de Magdalena o amor material e pagão que condemna, no amor espiritual que salva e regenera!

Eterno companheiro da humanidade, nasceu com Adão no Paraizo, para só morrer com o ultimo homem. Henrique Kleist apunhalando-se obedecia á sua influencia; Buckingham sacrificando um exercito, e talvez a propria Inglaterra, curvava-se ao seu imperio; Nelson traindo a capitulação de

Napoles ajoelhava, elle o vencedor, elle o heroe, aos pés de Emna Hamilton, que era para elle a personificação do amor.

«Quand l'amour—disse Madame Cottin—n'est pas une flamme qui échauffe, mais un feu qui brûle, qui consume, qui dévore, il étouffe tout, tout, jusqu'à la conscience!..»

(Continua.)

A. D'OLIVEIRA PIRES.

APPLICAÇÃO DO BELLO ÀS SCIENCIAS, ÀS LETRAS E ÀS ARTES

As proporções e as relações reciprocas dos sentidos immateriaes são a base das differenças que distinguem as sciencias, as letras e as artes, assim como as suas diversas escolas e os genios que as teem illustrado.

As sciencias, taes como a geometria, astronomia, historia natural, geographia, etc., teem por fim a averiguação do verdadeiro e dependem quasi exclusivamente do sentido logico.

As letras teem por fim a imitação da natureza ou a combinação dos factos naturaes, em uma nova ordem, sob a inspiração do verdadeiro, do util, do sentimento da fôrma e do bello. Dependem dos quatro sentidos intellectuaes; mas, propoem-se particularmente á união do sentido moral e do sentido poetico, isto é, o bello moral. Collocadas entre as sciencias e as artes, comprehendem dois generos de trabalhos: sciencias litterarias e artes litterarias.

As sciencias litterarias, taes como a historia, a philosophia, procuram o verdadeiro e o util, e dependem especialmente do sentido logico e do sentido moral.

As artes litterarias, eloquencia, poesia, arte dramatica, etc., buscam o verdadeiro, o util, a fôrma, o bello e particularmente o bello moral. Dependem dos quatro sentidos intellectuaes, mas sobre tudo do sentido poetico.

As artes tambem, como a pintura, a esculptura, a musica, a dança, etc., teem por objecto a imitação da natureza ou a combinação, em uma nova ordem, das fôrmas naturaes. Dependem dos quatro sentidos intellectuaes e procuram o verdadeiro, o util, e o bello, mas com especialidade o bello plastico.

Assim as letras, que unem as sciencias ás artes, differem das primeiras, porque ajuntam á investigação do verdadeiro a do util, da fôrma e do bello; das ultimas, porque dão á parte moral do bello a preferencia, em quanto que estas a concedem á parte plastica.

A proporção do sentido logico, que caracteriza o pensador, com o sentido plastico, que caracteriza o artista, estabelece duas classes distinctas em cada ramo da arte e da litteratura. Uns cingem-se mais ás idéas; outros á fôrma; estes á força, aquelles á graça. O mais proximo da perfeição é o que, em lugar de apresentar esse antagonismo eterno da fôrma e do fundo, reune, no mais subido grau e em justa proporção, os dois elementos do bello.

É, applicando este principio, que se poderá, com algum resultado, comparar e apreciar os grandes espiritos que, no mesmo genero, são habitualmente oppostos uns aos outros: Homero e Virgilio, Aristoteles e Platão, Thucydides e Xenophonte, Zeuxis e Phidias, Tacito e Tito Livio, Demosthenes e Cicero, Dante e Tasso, Miguel Angelo e Raphael, Corneille e Racine, Gluck e Piccini, e, entre os contemporaneos, Hugo e Lamartine, Cousin e Villemain etc.

As relações do sentido poetico com os sentidos logico, moral e plastico, ou do sentimento do bello com o do verdadeiro, do util e da fórma, dão conta das differentes escolas artisticas e litterarias.

O fim geral da arte é a procura e a imitação do bello que a intuição nos revela na natureza.

O fim da arte classica é o ideal, isto é, a investigação de um bello um pouco excepcional no verdadeiro, do util e das fórmas naturaes. Exagerando o seu principio e afastando-se muito do real á procura do ideal, pinta-se uma natureza de convenção.

O Romantismo é o nome da revolução que quiz conduzir a arte ao sentimento da realidade. Mas foi além do fim; e, em vez de procurar o bello no real, julgou encontral-o no commum, que levou até ao trivial, e ornal-o pelo extraordinario, que perseguiu até ao *desagradavel*, isto é, até ao contrario do verdadeiro, do util e da fórma natural.

Esta revolução produziu duas escolas romanticas, que ora se separam, ora se prestam mutuamente os seus erros: são o *Realismo* e o *Fantasmismo*.

O Realismo faz consistir o bello na imitação perfeita do real e na photographia, por assim dizer, da natureza. É o Romantismo prosaico.

O Fantasmismo comparte com o Realismo o defeito de multiplicar as individuações e as descrições estudadas a microscopio, e distingue-se por uma affectação de independencia, pelo gosto do extraordinario e pelo descommunal das proporções, effeito de optica devido ao processo.

A arte neo-classica é uma escola de conciliação que colloca o bello na alliança medida do real e do ideal.

BAZIN

Sinologo francez, nasceu em Saint-Brice (Seine-et-Oise) em 26 de março de 1799 e falleceu em Paris nos principios de 1863. Desde 1843 professava o curso de chinez vulgar na escola das linguas orientaes vivas. Publicou no *Nouveau journal asiatique* numerosos trabalhos ácerca da lingua e litteratura moderna da China; entre outros muitos um estudo importante intitulado *le Siècle des Yonen, ou Tableau historique de la litterature chinoise* (1850—1852.) No *Univers pittoresque* da livraria Didot, a *Chine moderne* de Bazin, que fórma o complemento da *Chine ancienne* de Pauthier, é um dos mui raros volumes que pódem dar algum valor serio áquella vasta compilação.

A. MAY

ESCRUPULOS HONROSOS DE DOIS HOMENS ILLUSTRES

Mungo-Park, o primeiro e talvez ainda hoje o mais interessante dos exploradores da Africa, tinha o costume de contar a miude, em intima sociedade, muitos incidentes curiosos e engraçados da sua celebre viagem á procura do Niger, incidentes que havia omittido na obra que imprimio.

Um dos seus amigos admirando-se d'isto, perguntou-lhe um dia a razão.

—Sabe, replicou Mungo-Park, que fui a Africa com a missão expressa de explorar certas regiões; ora, importava muito que não sómente as pesquisas fossem feitas com consciencia, mas que os resultados dados ao mundo fossem tão criveis como exactos.

—De accordo, tornou o amigo; mas uma vez que nas muitas historias que nos tem contado, coisa alguma se nota que não seja tão real como tudo quanto publicou; e porque, sem motivo, privar o publico de factos interessantes e tirar ao livro um exito ainda mais feliz?

—Não andei de levante no negocio, respondeu o viajante. É possivel que a narração d'essas aventuras dessem á obra uma voga ephémere; mas eu punha a mira mais alto. Entendi que havia sido chamado a cumprir um grande dever. Encarregado de um trabalho importante, desempenhei-o conforme a minha capacidade o permittio, e, cumprida a tarefa, senti-me ligado pela obrigação, não menos grave, de dar á minha narrativa um tal character de authenticidade, de boa fé, de que pessoa alguma podesse suspeitar a menor parte. Se me abstive de contar, aos que não me podem conhecer senão pelo meu livro, as aneddotas que se afastam do curso ordinario das coisas, e que não me atrevo a dizer senão aos meus intimos amigos, é porque temi que um facto estranho, por mais averiguado que tivesse sido, fosse enfraquecer a auctoridade do todo; não queria correr esse risco. Deveria eu, pelo futil prazer de fazer rir alguns ociosos, ou fazel-os abrir muito os olhos, comprometter a minha reputação de veracidade, da qual sou responsavel perante o publico, que me elegeu seu servidor e delegado no vasto campo das descobertas?

Depois da morte de Mungo-Park, um escriptor que preparava uma biographia d'este consciencioso e perseverante viajor, dirigio-se a um dos seus amigos, dotado de uma memoria das mais felizes, e pediu-lhe a communicacão d'essas aneddotas cuja fama havia transpirado fóra do pequeno circulo d'escolhidos.

Este amigo, que não era ótro senão Walter Scott, reflectio um momento e disse:

—Não, não repetirei uma só palavra, embora me estejam bem presentes, e eu convencido da sua veracidade. Uma vez que o meu honrado amigo Mungo-Park, não julgou acertado, depois de maduro exame, dal-as á publicidade, eu faltaria á sua memoria contribuindo a fazel-as conhecer depois da sua morte.

IMAGEM DA VIDA

...Embarquei de noite... Coisa alguma se podia distinguir... Pouco a pouco foi apparecendo a aurora; os objectos que me rodeavam tomaram a principio formas confusas, depois foram-se tornando mais claras, até que em fim o dia mostrou-se inteiramente. Este foi cheio de peripecias e de interesse: diversas perspectivas no horizonte; ora borrascas, ora bonança e bom tempo; uma companhia distincta, conversações variadas. A viagem, que no momento da partida me pareceu devia ser longa, não o foi. O tempo desaparecia com o rapido andar do navio... Depressa declinou o sol; as rissonhas côres apagaram-se e d'ahi a pouco apenas se divisava no espaço essa infinidade de estrellas que nos enviavam de todas as partes a sua mysteriosa luz... Mas eu sabia que o porto não estava longe, tinha confiança em quem nos guiava, e fatigado, do dia, adormeci em paz.—Tal é, me parece, a historia de uma vida.

O JANOTA LITTERATO

Do janota litterato
Eu vou tentar a pintura;
Se ficar bom o retrato
Heide comprar-lhe moldura,
Obra de talha em ornato.

Não faltarão estrangeiros
A pasmar dos meus pinceis;
Conto já com bons dinheiros,
E vencer os *Raphaeis*,
Que em lojas pintam letreiros.

Um janota bem pintado
Enfeita sempre uma sala,
Na parede pendurado;
Toda a bella se regala
Em lhe gabar o frisado.

E se ajunta este idiota
Ser esbelto ao ser taful,
Como prodigio se nota,
Porque é ouro sobre azul,
Luz da testa até á bota.

Comecemos: — bigodinho
Nas guias enserolado,
O cabello frizadinho,
O gargalo levantado
A saltar do colarinho.

Chapellino posto á banda
Em ar de certo desdem,
Camiza de fina hollanda,
Collete, que mostra bem
Quanto nos bolsos chato anda.

Casaquinho aprimorado,
Botinha de polimento,
Um charuto desmarcado,
Que lança fumos ao vento...
É eis o janota esboçado.

Mas janota — e litterato —
É tão chistosa figura,
Que se requer fino tacto
Em quem fizer a pintura
Deste sabio carrapato.

Comtudo para pintal-o
N'um botequim vou entrar:
Eis lá vejo um *a cavallo*
N'uma cadeira, a fumar
Monstruoso, havano talo.

Falla d'um drama, portento
Que saiu da sua penna:
« Original pensamento! »
Diz, sem ver que á lusa scena
Tem ido eguaes mais d'um cento.

Eis surge um severo critico
A castigal-o, sem dó;
Fica o *auctor* paralytico,
Afoga as magoas n'um *grog*,
Tacha o censor d'impolitico.

Outro apregôa o seu chiste
Por diversos botequins,
Diz que n'elle o *sal* existe,
Que leiam seus folhetins,
É acaba tudo que é triste.

Este com grande ousadia
A um bom *auctor* faz offensa,
Outro mui parvo elogia...
E os aprendizes da imprensa
Corrigem-lhe a orthographia!

Aquelle em phrases mui ricas
Louva as modas invasoras,
Gaba das bellas as nicas,
E para agradar ás senhoras
Faz o papel de maricas

Descrevendo uma *soirée*
Aquell'outro estraga a tinta;
Um grande sabio se cre...
Mas em toleima requinta
Cuidando que alguem o lê!

Fiz um pessimo retrato...
É bem grande a minha dor!
Trabalhei por ser exacto,
Mas não pude ser pintor,
Nem fingir de litterato!

Quiz pintar... e causei dó
Por não estudar em Roma!..
Dá-me ó *Marrare* um *liró*,
Que hei-de guardal-o em redoma,
É pol-o sobre um tremó.

J. I, D'ARAUJO

—Um tyranno,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

GARRETT

A vingança é virtude e é peccado;
Peccado emquanto mal a executamos,
Virtude emquanto só por zelo honrado
As affrontas do proximo vingamos.

BRAZ GARCIA DE MASCARENHAS.